



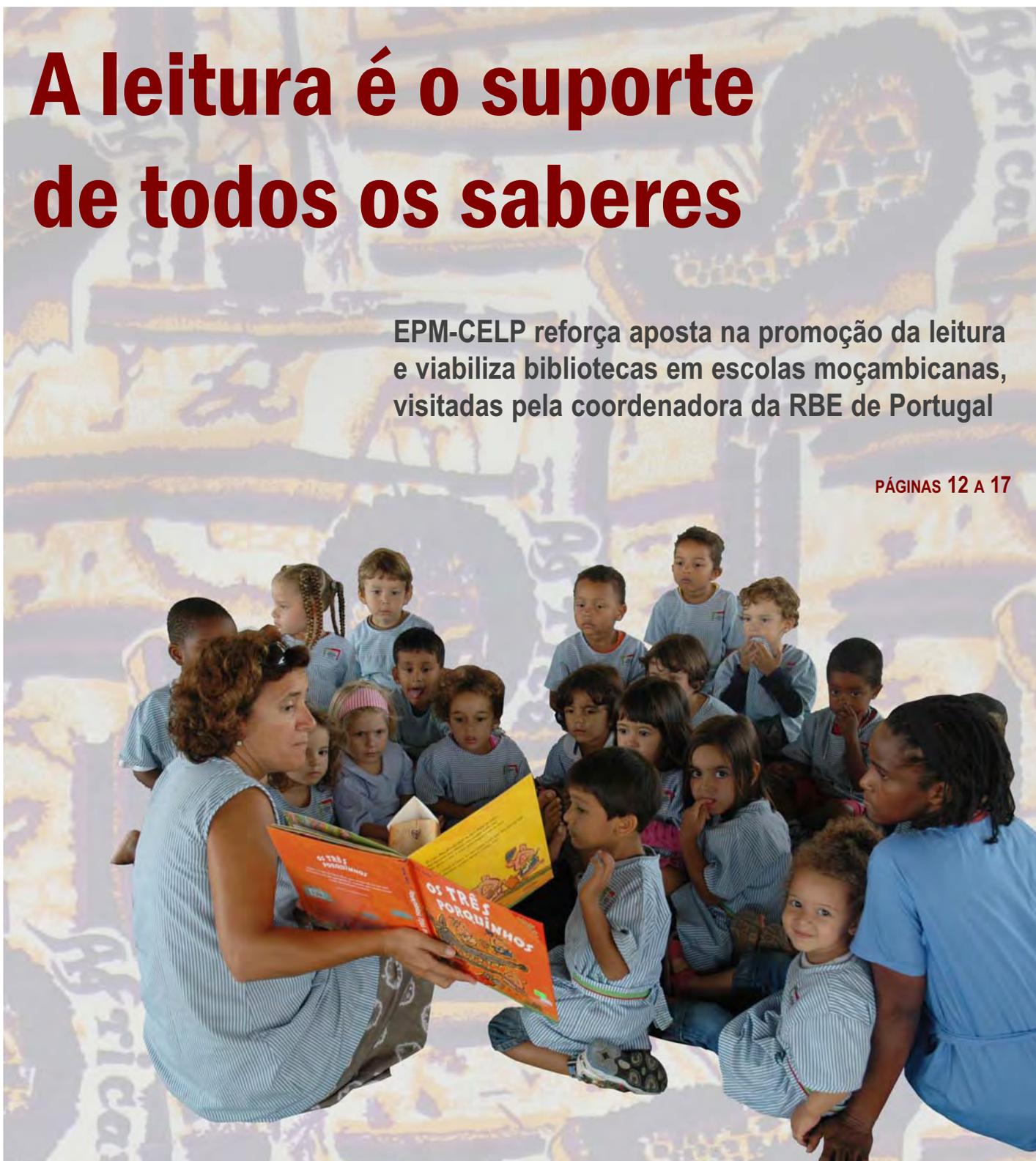
ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

Ano VIII - N.º 75 | Março/Abril 2011 | DIRECTORA: Dina Trigo de Mira | Maputo - Moçambique

A leitura é o suporte de todos os saberes

EPM-CELP reforça aposta na promoção da leitura
e viabiliza bibliotecas em escolas moçambicanas,
visitadas pela coordenadora da RBE de Portugal

PÁGINAS 12 A 17



EDITORIAL

Ler é conhecer, imaginar, viajar... é crescer!

Aprender a ler, tal como aprender a andar, é um processo longo e sistemático que implica esforço e treino. A prática constante da leitura e o contacto com o livro, quer no seio da família quer na escola, na sala de aula ou na biblioteca escolar, é determinante para a formação de leitores competentes.

Reconhecendo o impacto da leitura e da literacia no desenvolvimento de uma sociedade, o Ministério da Educação português lançou, em 1996, o programa Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) com o objectivo de instalar bibliotecas em todas as escolas portuguesas. Em 2008, a Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC) da EPM-CELP passou a integrar a RBE e, assim, a usufruir do seu apoio. Tornou-se, também, sua parceira no desenvolvimento do projecto de integração de escolas moçambicanas na RBE, o que, além de permitir a expansão das bibliotecas escolares, viabiliza a partilha de experiências e saberes e a articulação de actividades relativamente à promoção e difusão da língua portuguesa em diferentes contextos educativos.

A EPM-CELP percebe, com regozijo, que o trabalho desenvolvido com as escolas moçambicanas já começou a dar frutos, confirmando-se, assim, que o caminho escolhido é o que nos proporcionará a satisfação pelo cumprimento de uma das nossas missões em Moçambique. As actividades desenvolvidas a partir do livro, a par com a leitura informal e recreativa, concorrem para o desenvolvimento, nas crianças e jovens, de competências de leitura, que contribuem, de forma decisiva, para as aprendizagens noutras áreas do conhecimento.

Um leitor competente é aquele que revela competências de leitura de textos de diferentes tipologias, com objectivos diversos, que lê em vários suportes, do mais tradicional, como o livro, ao mais inovador, como as novas publicações digitais. Na realidade, pode-se ler com diversas finalidades e de modos distintos: ler como um matemático ou como um cientista é, por exemplo, diferente de ler informalmente ou por recreação. No primeiro caso impera a objectividade, a análise com um fim profissional, no segundo está presente a fantasia, a imaginação e o bem-estar pessoal. As competências de leitura permitem, por seu turno, o desenvolvimento das competências de expressão linguística nas diversas plataformas de comunicação, desde a analógica à digital.

A função de uma biblioteca escolar é crucial na educação e na formação dos indivíduos, bem como na estimulação do pensamento crítico e responsável. Ao formar leitores, ao difundir informação, ao facultar o acesso ao conhecimento, promove, simultaneamente, o desenvolvimento de competências básicas de selecção e tratamento de dados da realidade, contribuindo para a formação de cidadãos mais esclarecidos e interventivos e, conseqüentemente, para o desenvolvimento económico e social dos respectivos países e regiões.

A DIRECÇÃO

Para ler nesta edição

- 3** EPM-CELP | Ministro da Defesa de Portugal visitou a nossa escola e foi entrevistado por alunos do 1.º Ciclo
- 4** FORMAÇÃO | Eduardo Sá dinamizou acção “Ética e relação pedagógica” e Gabriela Canastra abordou necessidades educativas especiais
- 5** VISITAS DE ESTUDO | Visita à Casa do Gaiato revela novos mundos aos alunos do 11.º C
- 6** CIÊNCIA | O envolvimento de alunos da EPM-CELP no mundo das ciências e a crónica “científica” do aluno Guilherme, do 7.º E
- 7** DESPORTO | Judocas da EPM-CELP obtêm triunfos fora de “casa” e alunos do “Secundário” mediram forças no andebol e no voleibol
- 8** ACTIVIDADES | Concurso “Provérbios e Adivinhas” muito renhido; Musical de Inglês foi um êxito e teatro educativo personifica problemas
- 10** FESTA | Carnaval “vestiu” múltiplas fantasias aos alunos do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo
- 11** AMBIENTE | Água e florestas foram mote para aprendizagens multidisciplinares por ocasião das respectivas comemorações internacionais
- 12** BIBLIOTECA | Semana da Leitura da EPM-CELP cruzou leitura com várias artes e acolheu “shows” de escolas moçambicanas
- 14** COOPERAÇÃO | Escolas moçambicanas integram Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal por acção directa da EPM-CELP
- 15** ENTREVISTA | Teresa Calçada, coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal, fala do papel da EPM-CELP na lusofonia
- 18** ARTES | O valor e a utilidade da arte na auto- formação individual segundo os alunos que experimentam a educação artística
- 19** LÍNGUA PORTUGUESA | Relato de ensino de uma professora em Timor-Leste e a chegada do acordo ortográfico segundo Margarida Cruz
- 20** RECURSOS EDUCATIVOS | A influência do espaço físico nas aprendizagens escolares. Conheça a fundo a EPM-CELP
- 22** PALAVRA | Redescobrir o sentido da educação através das obras do psicólogo Eduardo Sá
- 23** “PSICOLOGANDO” | O papel dos pais na criação de hábitos de leitura nos filhos. Os perfis de leitor nas crianças e adolescentes
- 24** FINALISTAS | Baile de Finalistas 2011 antecipou sonhos de vida e fez despedida de mais uma geração de alunos da EPM-CELP

PÁTIO DAS LARANJEIRAS | Revista bimestral da EPM-CELP | Ano VIII - N.º 75 | Edição Mar/Abr 2011

Directora Dina Trigo de Mira | **Editor** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redacção** António Faria Lopes, Teresa Noronha e Fulgêncio Samo | **Colaboradores redactoriais nesta edição** Alexandra Melo (Psicologando), Ana Paula Relvas, Ana Albasini, Ana Paula Machado (em Timor-Leste), Estela Pinheiro, Judite Santos (Recursos Educativos), Janaina Melo, Ana Catarina Carvalho (Ciência), Cláudia Pereira (Artes), Margarida Cruz (Língua Portuguesa), Teresa Noronha (Palavra Empurra Palavra), Iara Silva (11.º C), Guilherme (7.º E) e Sandra Costa (12.º C) | **Grafismo e Pré-Impressão** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Bárbara Marques | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Graça Pinto e Ana Paula Relvas | **Impressão e Produção** Centro de Formação e Difusão da Língua Portuguesa/Centro de Recursos Educativos | **Distribuição** Fulgêncio Samo (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.º do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: patiodaslaranjeiras@epmcelp.edu.mz

PROTOCOLO

Ministro da Defesa visitou EPM-CELP

O ministro da Defesa de Portugal, Augusto Santos Silva, visitou, em 3 de Março último, a EPM-CELP, em aproveitamento da sua estadia oficial de três dias em Moçambique. O governante português reeditou, assim, visitas que, anteriormente, já realizara à nossa Escola quando foi titular da pasta dos Assuntos Parlamentares.

A visita de Augusto Santos Silva, recebido por Dina Trigo de Mira, directora da EPM-CELP, foi marcada pela sua interacção com alunos, professores e funcionários em ambiente descontraído e, até, de algumas notas à margem do protocolo. Mereceram especial atenção do ministro as actividades e as instalações do edifício do Pré-Escolar, um evento desportivo e, ainda, a entrevista que concedeu aos alunos Diogo, Tomás e Yannick, do 4.º ano.

Augusto Santos Silva iniciou a sua actividade governativa no 14.º Governo Constitucional, no qual foi secretário de Estado da Administração Educativa (1999-2000), ministro da Educação (2000-2001) e, ainda, ministro da Cultura (2001-2002). Foi ministro dos Assuntos Parlamentares (2005-2009) no 17.º Governo Constitucional e, no actual, é titular da pasta da Defesa desde 26 de Outubro de 2009.



Alunos do Pré-Escolar presenteiam Augusto Santos Silva sob o olhar de Dina Trigo de Mira

ALUNOS ENTREVISTARAM MINISTRO

Procurar a paz antes de fazer qualquer ataque

DIOGO (4.º E) - Caso Portugal fosse atacado por outro país, o Sr. Ministro preferia atacar ou pedir a paz?

Eu preferia defender. Mas se Portugal for atacado por um outro país, isto significa que há 28 países que estão a ser atacados, uma vez que Portugal faz parte de uma aliança que se chama NATO. Isso quer dizer que a NATO defenderia Portugal. Mas, evidentemente, o que nós devemos fazer é, antes de qualquer ataque, tratar das coisas para assegurar a paz.

DIOGO - Mas se fosse um país que não fosse muito agressivo...civilizado... o que é que o senhor faria?



Só podemos usar a guerra quando não temos nenhuma maneira de resolver o problema. Portanto, o que nós fazemos nessas circunstâncias é, primeiro, defendermo-nos e, depois, normalmente propõe-se um cessar-fogo. O que quer dizer que se pára com os tiros e se vai conversar, para ver se chegamos à paz.

YANNICK (4.º B) - Se houver um ataque a um país de língua oficial portuguesa, Portugal vai ou não defender esse país?

Portugal vai ajudar esse país a defender-se, porque todos os países de língua oficial portuguesa fazem parte de uma organização internacional, que se chama Comunidade dos Paí-

ses de Língua Portuguesa (CPLP), à qual pertence, também, Moçambique. Ora, isto significa também que os países da CPLP são todos aliados uns dos outros. Assim, Portugal procuraria ajudar esse país ameaçado, utilizando o poder que possui junto da Organização das Nações Unidas, na qual faz parte do grupo de 15 países que pertencem ao Conselho de Segurança das Nações Unidas.

TOMÁS (4.º A) - Se um país for privado de liberdade, por qualquer motivo, acusar Portugal desse mesmo facto, como vai reagir o Sr. Ministro?

Portugal não priva ninguém de liberdade. Mas se isso acontecesse, nós defender-nos-íamos no Tribunal Internacional e, facilmente, venceríamos esse país de que nós não privamos nem diminuimos a liberdade de ninguém nem de nenhum país. Pelo contrário, Portugal tem uma Constituição, onde estão contidos todos os princípios e as regras fundamentais do país, e ela diz que as forças armadas só podem intervir para defender o território nacional, a independência de Portugal e para apoiar a paz. Portanto, apoiando a paz nós garantimos mais liberdade às pessoas e não a diminuimos.

ADMINISTRAÇÃO

Melhorar as competências-chave para servir o ensino

O Centro de Formação da EPM-CELP promoveu a acção de formação “Competências-chave para administrativos”, entre 18 e 26 de Março, dinamizada por Paula Tomás e destinada aos funcionários administrativos, telefonistas, secretariado da Direcção e outros funcionários da nossa Escola.

A iniciativa visou desenvolver a compreensão dos referidos funcionários para a missão que lhes cabe e o seu impacto na resposta global da Escola. A acção de formação promoveu, assim, a postura de um atendimento direccionado ao público interno e externo, o desenvolvimento de uma atitude profissional, a melhoria do desempenho individual, o aumento da produtividade, a aplicação de uma comunicação eficaz e a melhoria do relacionamento interpessoal.

Partindo de situações concretas, a formadora conduziu as sessões de formação no sentido da descoberta de respostas adequadas à missão do sector administrativo, que é o de servir melhor os seus destinatários: alunos, professores e encarregados de educação.

COOPERAÇÃO

EPM-CELP concluiu primeira etapa de novo modelo de formação

Encerrou em 26 de Março o primeiro módulo da Oficina de Formação de Formadores, promovida pelo Centro de Formação da EPM-CELP e destinada aos formadores dos institutos de formação de professores da Namaacha, Chibutuúine, Munhuana, Matola e ADPP.

Esta formação visou o estudo de metodologias de ensino da Língua Portuguesa, Matemática, Educação Moral e Cívica, Ciências Naturais e Técnicas de Expressão, bem como de elaboração de planos de aulas detalhados.

PEDAGOGIA

Ensino admite o erro, mas proíbe a “batota”

Eduardo Sá, psicólogo clínico e psicanalista, autor de várias obras no domínio da psicologia da criança, da maternidade, da família, do feto e do bebé, dinamizou na EPM-CELP, entre 26 e 29 de Abril, a acção de formação “Ética e relação pedagógica”, oferecendo aos nossos professores e educadores oportunidade ímpar para repensarem questões ligadas às etapas do crescimento da criança.

A iniciativa abordou aspectos como a importância do brincar em casa e na escola, a família como a base de segurança na qual os pais devem ocupar a posição central, a importância das regras e do tempo de qualidade que os pais devem dedicar aos filhos, a educação pré-escolar virada, acima de tudo, para a aprendizagem do corpo e dos seus sentidos, o erro como factor crucial da aprendizagem, a importância de cada escola criar o seu projecto educativo, unificador e gerador de motivação para repensar a educação, e a resolução dos problemas enfrentados pelos docentes e alunos.

A formação partiu da auscultação das necessidades dos professores, maiorita-



riamente do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, e organizou-se em várias temáticas, como as etapas de crescimento, a educação pré-escolar, o sucesso e o insucesso na escola e o triângulo pais-escola-criança.

Em clima de diálogo permanente e partindo sempre de situações concretas apresentadas pelos docentes, abriu-se espaço para encontrar algumas respostas e para se pensar activamente na escola e no nosso papel de educadores, que têm direito a errar, mas nunca a ser “batoteiros”, pois o que está em causa é demasiado importante, como é o futuro das nossas crianças.

NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Aprender a diagnosticar e a intervir

O Centro de Formação da EPM-CELP, em colaboração com os Serviços de Psicologia e Orientação, promoveu, em Março e Abril, várias oficinas de formação sobre Necessidades Educativas Especiais (NEE), dirigidas a docentes e técnicos da nossa Escola.

Gabriela Canastra, da área do Ensino Especial, foi a formadora convidada para as referidas oficinas de formação, prestando igualmente apoio aos docentes nas tarefas de diagnóstico, intervenção e acompanhamento de alunos com NEE, bem como na elaboração dos planos educativos individuais.

O autismo, síndrome Asperger e Sala Teacch também foram objecto de formação, entre 24 de Março e 1 de Abril, inci-



dindo sobre aspectos como a adopção de estratégias de ensino dos alunos com aquelas características. A necessidade de um espaço adequado ao desenvolvimento de competências em crianças autistas, com síndrome de Asperger e outras necessidades educativas especiais foi tema também abordado nesta acção.

MUSEU NACIONAL DE ARTE

Descobrir os segredos das cores e formas

Com o objectivo de motivar os alunos para a unidade temática seguinte, os alunos do 5.º D da EPM-CELP visitaram, em 16 de Março, o Museu Nacional de Arte, em Maputo. Uma visita guiada para descobrir os segredos das cores e formas que as obras de arte escondem.

A visita foi guiada pelo Sr. Dino que seleccionou algumas obras do Museu para os alunos observarem e aprenderem o que está “por detrás das cores e das formas” e demais informações com elas relacionadas, como a peça de escultura em tronco de madeira que serviu de refúgio ao artista ou a pintura do navio invisível. A sessão de educação pela arte também desafiou os alunos a desvendarem os títulos das obras, que, às vezes, também ajudam a perceber as imagens e os significados nelas contidos.

A visita terminou com uma sessão de trabalho no próprio Museu onde, com a memória ainda fresca, os alunos fizeram desenhos sobre as obras observadas, num ambiente de grande entusiasmo.

O aluno Cláudio Romão, no final da visita, manifestou ao “Pátio das Laranjeiras” a sua satisfação: “Observámos uma variedade enorme de quadros. Os quadros não são feitos à toa, pois cada um deles tem uma mensagem. É impressionante como uma tela branca se transforma numa pintura surpreendente! Cada artista expressa-se da maneira que bem entende, mas os quadros têm uma mensagem forte, mesmo que seja impossível! Moçambique está cheio de pessoas talentosas. Amei a visita de estudo!”



CASA DO GAIATO



Casa nobre, causa nobre

A turma C do 11.º ano do ensino secundário da EPM-CELP visitou, em 3 de Março último, no âmbito das actividades da direcção de turma, a Casa do Gaiato, dirigida pelo padre José Maria. O que poderia ter sido uma banal visita de estudo transformou-se, para a aluna Lara Silva, uma experiência única e marcante. Gentilmente, a aluna partilha connosco e toda a nossa comunidade educativa as emoções vividas em poucas horas e a reflexão que lhe mereceu a experiência.

Casa nobre, causa nobre

Não sei se deva chamar visita de estudo, porque, de facto, não fomos estudar nada, mas, sim, conhecer as maravilhosas crianças da Casa do Gaiato, uma instituição de solidariedade social que alberga dezenas de crianças.

Começámos por visitar as instalações, orientados por um dos rapazes, o Félix. Tinha uma voz muito carinhosa e humilde... Permaneceu connosco grande parte do tempo, acho que gostou da nossa companhia. Levou-nos às diferentes partes da Casa do Gaiato, dando-nos a conhecer a todos os meninos. Para caracterizar todas as expressões curiosas e rostos inocentes só me ocorre uma: **MAGIA!**

De seguida, enquanto alguns meninos regressavam a casa e outros, os internos, se dirigiam ao refeitório, cederam-nos uma sala para almoçarmos e, de certo modo, partilharmos a nossa comida. Mais confortados, tivemos o prazer de conhecer o responsável por esta obra, o padre José Maria, a quem entregámos os donativos (roupas e material escolar), como forma de agradecimento por nos ter recebido de braços abertos.

Na etapa final, a turma dividiu-se em grupos para as actividades com os nossos novos e queridos amigos. Uns leram uma história infantil, outros orientaram um jogo lúdico e os restantes organizaram um jogo de futebol. Esta foi a parte mais divertida, porque tivemos a oportunidade de interagir com as crianças: conversámos, rimos, pensámos, sentimos... Tantas emoções num curto espaço de tempo, foi uma longa viagem por vários corações através de olhares reconfortantes!

A ida à Casa do Gaiato foi uma experiência muito gratificante, inovadora e grandiosa. Fez-nos sair da nossa realidade e entrar na de outras pessoas, que, apesar de serem iguais a nós, têm uma vida completamente diferente. Muitas vezes valorizamos o superficial e o desnecessário e desvalorizamos o que realmente é importante. Desperdiçamos, assim, a nossa felicidade, ignoramos os nossos sentimentos e deitamos fora uma embalagem rica de emoções, que nos dão grandes e inesquecíveis lições de vida. Este passeio mostrou-nos outro ponto de vista sobre o mundo à nossa volta, um novo olhar que nos tornou mais humanos. Tudo na vida nos molda e esta experiência vai ficar para sempre na memória de muitos como uma experiência calorosa, que nos fez valorizar o importante e ignorar o banal.

A viagem de regresso a Maputo foi completamente diferente da ida. Para lá todos cantavam, riam e conversavam; na volta, o ambiente foi mais pesado: silêncio inquietante e olhos fechados, não só pelo cansaço, mas também pelo conjunto de pensamentos e conclusões que invadiram as nossas mentes.

Foram muitas as lições que tirámos deste dia, muitas!

VISITA DE ESTUDO

Gostar de Geologia sem ser geólogo

Surpresa! Agradável surpresa! A visita ao Museu Nacional de Geologia de Moçambique, que estava para ser uma grande "seca", afinal acabou por se tornar um divertimento.

Eu e os meus amigos estávamos com uma atitude toda profissional: caderno numa mão, lápis na outra, ar compenetrado para compôr a imagem, com maníngue perguntas, mas nada de respostas! Bem, quando chegámos ao Museu, não dava para saber o que nos esperava lá dentro.

Museu, Museu... a única coisa que nos vinha à ideia era um sítio cheio de coisas velhas, com ratos e teias de aranha à mistura. Mas como era um Museu de Geologia, também devia estar cheio de pedras. Esta mistura de ideias, pedras com coisas velhas, deixou-nos logo a pensar. Será que uma pedra tem idade? Como pode ter idade, se não tem vida?

Lá nos enchemos de coragem e, ao encermos o peito de ar, veio-nos a coragem... Olhámos à volta e, afinal, o Museu até era muito colorido. Logo à entrada, tínhamos um mapa do nosso Moçambique em "3D", cheio de rios, planaltos, planícies, montanhas e atrás disto tudo, havia um guia, também ele em "3D" ... Brincadeira! O guia era "nice". Falava bem, de igual para igual, explicava bem sem complicar, não gritava, tinha paciência e, isso tudo junto, cativou o nosso interesse. Via-se que ele gostava do que estava a fazer.

Visitámos o Museu de ponta a ponta, pedra por pedra, mineral por mineral, fóssil por fóssil. Tudo foi interessante e muitas foram as surpresas: o mapa geológico de Moçambique, a representação dos vulcões, mostrando a formação da Terra, a evolução da vida até ao surgimento dos mamíferos, as pedras e os minerais com pesos e durezas diferentes (até vimos pedras que podem ser riscadas com as nossas próprias unhas) - uns têm formas sem formas e outros foram "esculpidos" em formas de cristal -, rochas com nomes que nunca tínhamos ouvido falar, seres vivos que nem sabíamos terem existido ...

Acho que a partir daquele dia vamos olhar a Geologia de uma forma bem diferente e bem mais interessante. Afinal, para gostar de Geologia, não é preciso ser Geólogo!

GUILHERME (7.º E)

DESCOBERTA

Tubarão dissecado permitiu comparar sistemas fisiológicos



Aproximando, cada vez mais, as vivências dos alunos aos conteúdos da disciplina de Biologia-Geologia, no âmbito do estudo da anatomia comparada dos organismos vivos, os alunos do 11.º A1 procederam à dissecação de um tubarão. Com apoio do professor, manuais e enciclopédias, os alunos abriram o tubarão para, principalmente, identificação dos seus sistemas fisiológicos.

Mais de 375 espécies de tubarões nadam nos oceanos do mundo, mas foi possível estudar um deles sem mergulhar nas águas de Moçambique!

EXPERIÊNCIA

Placas tectónicas ensinam dinamismo interno da Terra

Para melhor compreensão da teoria das placas tectónicas, os alunos do 7.º ano realizaram diversas experiências geológicas nas aulas de Ciências Naturais.

Inspirados na descoberta de Wegner, alusiva ao perfeito encaixe entre os continentes, os alunos construíram as placas tectónicas da superfície da terra que serviram para analisar os seus movimentos relativos, identificando zonas de colisão e de afastamento. A experiência permitiu a compreensão da dinâmica natural do planeta Terra, da qual resultam os riftes, janelas abertas do interior da Terra, e as cadeias montanhosas. Em parceria com a disciplina de Educação Visual, foram colocadas as placas litosféricas de esferovite sobre a água, simulando a astenosfera.



NA MANHIÇA

Aprender ciência e praticar a solidariedade

Numa iniciativa que associou os grupos disciplinares de Biologia/Geologia, Física e Química, Inglês e Filosofia, em 16 de Março, os 11.º A1 e A2 visitaram o Centro de Investigação em Saúde da Manhiça (CISM) e o Hospital local.

No CISM os alunos visitaram laboratórios com diferentes vocações científicas, que também serviram para deixar descobrir as respectivas carreiras profissionais. No hospital, confrontaram-se com quadros epidémicos e clínicos de

natureza diversa, reveladores da realidade sanitária de Moçambique, aproveitando a ocasião para procederem à entrega de donativos à instituição.



JUDO



Triunfos fora de “casa”

O Campeonato de Judo da EPM-CELP, realizado em 19 de Março, envolveu os praticantes de todas as idades inscritos na modalidade desenvolvida na nossa Escola como actividade extra-curricular. O evento, a que assistiu um alargado número de encarregados de educação dos judocas, consistiu, basicamente, na demonstração de diversificadas técnicas da modalidade.

Na sequência daquela competição, os praticantes da EPM-CELP participaram, posteriormente, numa outra prova, desta vez organizada pela Liga Muçulmana. Nesta competição os nossos alunos tiveram comportamento meritório, conquistando várias medalhas e, por via delas, ganharam, igualmente, acesso às graduações superiores, transitando da categoria de cinturão amarelo para o laranja, independentemente do escalão etário no qual se integram.

JOGOS COLECTIVOS

Turmas do “Secundário” mediram forças no andebol e no voleibol

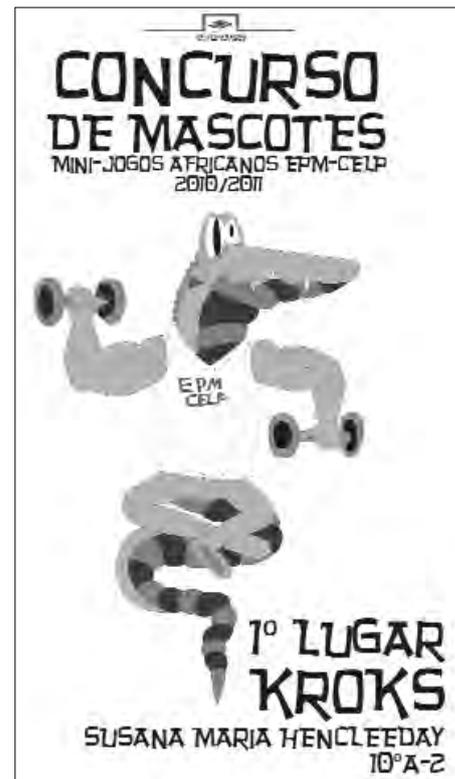
O 12.º A1 brilhou nos torneios inter-turmas da EPM-CELP ao vencer, no sector feminino, os torneios inter-turmas de andebol e de voleibol, disputados em Março e Abril. No andebol bateu o único



oponente, o 12.º A2, mas no voleibol foi o melhor entre quatro concorrentes.

Voltou a brilhar o 12.º A1 também no sector masculino do torneio de andebol, no qual obteve o primeiro lugar face ao 11.º B (2.º) e ao 12.º C (3.º). Ainda no andebol e também em masculinos, o 11.º A1 conquistou o primeiro lugar do respectivo ano de escolaridade. Nesta modalidade foi nula a participação dos 10.ºs anos nas categorias masculina e feminina, registando-se a inscrição de apenas sete equipas.

No sector masculino da competição de voleibol entre 10.ºs e 11.ºs anos a vitória final coube ao 10.º A1, que empurrou o 11.º A1 para a segunda posição. Entre 12.ºs anos o 12.º A2 foi o melhor no final da prova, cabendo o segundo lugar, em igualdade pontual, aos 12.º B e 12.º A1, terminando o 12.º C na quarta posição.



CONCURSO | A aluna Susana Hencleeday, do 10.º A2, venceu o concurso de criação da mascote para os Mini-Jogos Africanos EPM-CELP 2010/2011 com o trabalho “Kroks”, escolhido entre 17 obras submetidas a votação na qual participaram todos os alunos da nossa Escola. Parabéns Susana!



SOLIDARIEDADE | Um grupo de quatro alunas, acompanhado por uma professora, do Colégio Nossa Senhora da Apresentação (distrito de Aveiro) viajou de Portugal até Moçambique para dar corpo a uma ideia de solidariedade desenvolvida no âmbito da Área de Projecto. Munidas de bolas de futebol e de basquetebol, bem como de medicamentos que distribuíram previamente na Ilha de Moçambique, as alunas daquele colégio pretendiam ofertar o material desportivo à nossa Escola, que sugeriu a doação à Escola Primária Completa 12 de Outubro. Para tanto, organizaram-se jogos de futebol e de basquetebol, nas nossas instalações, entre a EPM-CELP e a referida escola moçambicana, findos os quais as visitantes procederam à oferta do material desportivo.

7 DE ABRIL

Moçambique comemorou Dia da Mulher

Josina Muthemba Machel é uma heroína muito importante para a História de Moçambique. Nasceu em 10 de Agosto de 1945, em Inhambane, e pertencia a uma família de cinco irmãs e três irmãos. Aos 13 anos ingressou numa escola comercial e aos 15 passou a integrar o Núcleo dos Estudantes Secundários de Moçambique, que incentivava a identidade cultural e a consciência política entre os estudantes.

Tentou fugir duas vezes do seu país natal. A primeira, que visava aderir à FRELIMO, fracassou, tendo sido capturada e detida na então Lourenço Marques. É libertada meses depois, retomando os seus estudos. Na segunda tentativa, feita em grupo, consegue atingir primeiro Joanesburgo (África do Sul) e, por fim, a Tanzânia, após intervenção de Eduardo Mondlane junto das autoridades britânicas. Josina tinha 20 anos quando assumiu responsabilidades dentro da FRELIMO, na qual, desafiando a tradição, lutou pela igualdade de género, conseguindo ser uma das primeiras mulheres a receber e dar treino militar. Em 1968 foi nomeada delegada ao II Congresso da FRELIMO e, depois, chefe da Secção da Mulher, com uma participação internacional notória na defesa dos direitos e papel das mulheres nos processos de desenvolvimento. No ano seguinte foi nomeada chefe do Departamento dos Assuntos Sociais.

Em Maio de 1969 casou-se com Samora Machel e em 7 de Abril de 1971 morreu vítima de cancro no fígado, tendo a FRELIMO, um ano depois, declarado aquela data como Dia da Mulher Moçambicana.

Mariana Pachinuapa, antiga guerrilheira das Forças Populares de Libertação de Moçambique e amiga íntima de Josina Machel, retratou assim a heroína moçambicana: “Josina está dentro de mim. (...) É uma camarada que entregou toda a sua vida à sorte da nação moçambicana. (...) Josina deixou tudo o que os jovens actuais procuram: estudar e ser doutor. (...) O que lhe interessava era a luta para expulsar o colonialismo do país.”

A mulher “tem os mesmos direitos e deveres do que qualquer outro militante, porque é moçambicana, porque no nosso Partido não há discriminação baseada no sexo”, assumiu Josina Machel em vida.

SANDRA COSTA
12.'C

PROVÉRBIOS E ADIVINHAS

Mérito dos concorrentes baralha vereditos finais



O recurso a finalíssimas não foi suficiente para apurar vencedores únicos nas três categorias de participantes no concurso de Provérbios e Adivinhas, que a Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC) da EPM-CELP promoveu para o ensino básico. Desta forma, em cada uma das categorias ficou definido um par vencedor, tal o equilíbrio de valores demonstrado na competição.

As finalíssimas realizaram-se em 28 de Março, na BEJC, na sequência das quais os alunos Manuel Pessoa (turma A) e Guilherme Coelho (B) foram os primeiros classificados do quarto ano, Shannaya Romão (5.º D) e Hugo Trindade (5.º E) do

segundo ciclo e o par Neha Ramnical/Gabriela Rosado, da turma E, os vencedores do sétimo ano de escolaridade. Foram terceiros classificados os seguintes alunos: Inês Santos (4.º ano), Adriana Simões (2.º ciclo) e Patrícia Fernandes (7.º ano).

Participaram no concurso Provérbios e Adivinhas, entre 7 e 28 de Março, 103 alunos do quarto ano, 40 do quinto e 63 do sétimo, num total de 206 participantes.

O regulamento previa uma eliminatória e uma final, mas, devido ao excelente desempenho dos participantes, houve que realizar duas eliminatórias, uma final e uma finalíssima já fora do prazo previsto.

HOMENAGEM

Pais em grande forma

Comemorou-se na EPM-CELP, em 18 de Março último, o Dia do Pai com uma manifestação desportiva. As crianças do Pré-Escolar tiveram o privilégio de contar com a presença dos progenitores que, entusiasticamente, participaram num mini-torneio inter-turmas de futebol.

Foi uma manhã bastante divertida, com empenho total dos pais na demonstração da sua forma física e habilidades técnicas. Os filhos assistiram aos jogos, formando claque de apoio, entusiásticas e ruidosas, à marcação de muitos golos.

Foi mais uma oportunidade de estimular e estreitar as relações entre pais e filhos, proporcionando aos primeiros uma participação efectiva na vida escolar dos seus educandos, ao mesmo tempo que se fomentaram hábitos saudáveis de vida, através da realização de actividades desportivas.

No final da jornada, a alegria estava estampada no rosto dos participantes. O empenho das crianças foi valorizado com a presença dos seus pais e o esforço destes reconhecido com a entrega de certificados de participação.



SUCESSO

Artes sem fim no Musical de Inglês

A organização do Musical de Inglês, pelos alunos do 11.º ano (turmas A1, A2 e B2), foi um sucesso de “bilheteira”, esgotando o Auditório Carlos Paredes, em 13 de Abril último. Pelo palco passaram inúmeros artistas da EPM-CELP, desde cantores e instrumentistas até actores de todas as idades, para dar brilho ao *BIBO - Best Idols Beaking Out*.



A iniciativa, da responsabilidade do Grupo Disciplinar de Inglês, mas inteiramente organizada pelos estudantes, contribuiu para a aprendizagem de competências do domínio da língua inglesa, pois todas

as obras foram apresentadas com recurso à língua de Shakespeare.

A mistura e diversidade de linguagens artísticas e a vivacidade das actuações fizeram do BIBO um sucesso inegável, partilhado por estudantes de todos os níveis de ensino, tanto no palco como na plateia, onde marcaram presença vários encarregados de educação.



Para o êxito do espectáculo contribuiu a qualidade das actuações dos intérpretes, sujeitos, nas semanas anteriores, a testes de desempenho de carácter selectivo. Trata-se de mais uma prova da existência de muito talento e criatividade entre os nossos estudantes e da sua colocação ao serviço das aprendizagens escolares.



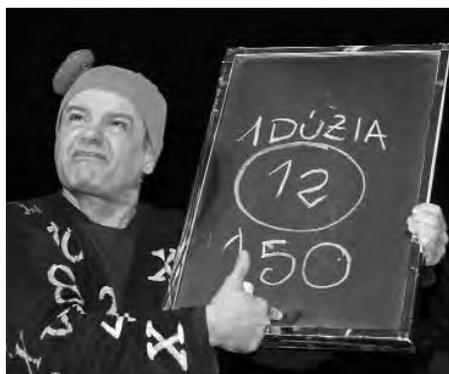
INOVAÇÃO

Teatro transforma números e balões em personagens

A Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) acolheu o projecto Oficinas de Teatro Infantil, de âmbito educativo e curricular. Este projecto visou a constituição de um corpo de formadores para trabalhar com grupos locais de teatro no âmbito do teatro educativo, formando uma rede que oferecerá espectáculos em diversos pontos do país.

Os trabalhos, promovidos pelo Programa EUNIC Moçambique, iniciaram-se em 21 de Março e prolongaram-se até 1 de Abril, no Auditório Carlos Paredes, da nossa Escola.

Do Programa EUNIC Moçambique fazem parte instituições de âmbito cultural, como o Instituto Camões, o British Council e o ICMA, às quais se associaram



outros parceiros como a Agência Suíça para o Desenvolvimento e a EPM-CELP. A primeira fase do projecto contemplou um *workshop*, dinamizado pelo actor Carlos Martins da Fonseca, com a participação dos seguintes grupos teatrais: Centro de Produção de Artes Dramáticas, Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (Curso de Teatro), Teatro Educativo EDU e Grupo de Teatro do Oprimido.

A Oficina de Teatro Infantil produziu no final um espectáculo inédito e o actor Carlos Martins da Fonseca também apresentou aos nossos estudantes do primeiro ciclo do ensino básico, em 28, 29 e 30 de Março e 1 de Abril, espectáculos associados ao ensino das disciplinas de Matemática e de Ciências.

CARNAVAL

Fascínio pela passarela da fantasia

Uma parceria entre os sectores do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo deu origem à festa do Carnaval da EPM-CELP, de entusiasmo contagiante. O momento, que ocorreu em 8 de Março, atraiu muitos encarregados de educação que puderam, assim, assistir ao desfile dos filhos, que percorreu a passarela, montada no campo exterior de jogos, com muito estilo, imaginação e criatividade.

Após o desfile, a diversão dos pequenos do Pré-Escolar prosseguiu com as tradicionais brincadeiras de Carnaval, onde não faltaram máscaras, fadas, princesas, *batman*'s, bombeiros, capuchinhos vermelhos, desportistas, palhaços e zorros, numa multiplicidade de disfarces para uma manhã de fantasia.

Foram centenas de crianças para uma jornada de plena diversão.



MOMENTOS EPM-CELP

texto FULGÊNCIO SAMO | Foto Filipe Mobjaça



*Descobrir letras,
decifrar palavras,
trocar tradições,
dialogar nos laços da cooperação...*



AMBIENTE

APRENDER



a cuidar da água e das florestas

A EPM-CELP assinalou os dias mundiais das Florestas e da Água, em 21 e 22 de Março, respectivamente, com a realização de diversas actividades que envolveram, praticamente, toda a comunidade escolar. Interação entre alunos de diferentes anos de escolaridade foi a marca destas iniciativas, impulsionadas pelos grupos disciplinares de Ciências Naturais e de Ciências Físico-Químicas.

O Dia Mundial da Água foi proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1993. O tema de 2011 foi “Água para as cidades”, que pretendeu chamar a atenção do mundo para o impacto do rápido crescimento urbano, da industrialização, das incertezas provocadas pelas mudanças climáticas, dos conflitos resultantes da escassez e das catástrofes naturais nos sistemas urbanos de água.

Para celebrar a data, um vasto programa de actividades envolveu os alunos dos segundo e terceiro ciclos do ensino básico, bem como do ensino secundário. Teve início em 14 de Março, quando os estudantes do 8.º A visitaram os colegas do 2.º ano, realizando com eles experiências relacionadas com algumas propriedades caracterizadoras da água. Uma iniciativa muito bem sucedida e motivante para visitantes e visitados. Em 21 e 22 de Março foi a vez dos alunos dos quarto e quinto anos fazerem aprendizagens conjuntas em torno da água: os mais velhos produziram trabalhos resultantes dos estudos sobre a poupança de água, apresentando-os aos mais novos que, por sua vez, se encarregaram das ilustrações. Os melhores trabalhos foram expostos na Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC), onde, em simultâneo, decorria a Semana da Leitura.

Em 24 de Março, os alunos do 8.º E visitaram as turmas dos primeiro, segundo e terceiro anos do ensino básico a cujos colegas mais novos ofereceram os trabalhos realizados nas aulas sobre as princi-



pais características da água e os modos de poupança do precioso líquido. Por outro lado, os trabalhos realizados pelos alunos do 11.º A1, sobre a importância da água e das respectivas propriedades, também

estiveram em exposição na BEJC até final da Semana da Leitura.

O Dia Mundial das Florestas assinalou-se em 21 de Março e a EPM-CELP também não ficou à margem do acontecimento. Assim, alunos dos oitavo e terceiro anos de escolaridade, atempadamente, lançaram mãos à obra e enquanto os primeiros escreveram histórias alusivas às florestas, os segundos fizeram as respectivas ilustrações, resultando em obras que deram origem a mais uma exposição na BEJC, para animar ainda mais a Semana da Leitura.

Depois de 2010 ter sido consagrado o Ano Internacional da Biodiversidade, a Organização das Nações Unidas proclamou 2011 como o Ano Internacional das Florestas, subordinado ao tema “Florestas para as pessoas”, para, segundo aquela organização, “sensibilizar para a gestão sustentável, conservação e desenvolvimento de todos os tipos de florestas”.



Aproveita a água da chuva, colocando um reservatório ou uma cisterna na rua. Essa água serve para lavar o carro, no autoclismo ou para regar o jardim.

SEMANA DA LEITURA

De 21 a 25 de Março os livros desprenderam histórias que, captadas por gentes de diferentes gerações e culturas, conheceram novos fôlegos e epílogos, fazendo lembrar que a diferença é uma das maiores riquezas da humanidade.



Leitura é “verbo” para todas as artes

“Leitura – Energia – Floresta” foi o tema lançado pela Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) de Portugal para a “Semana da Leitura”, que decorreu de 21 a 25 de Março último na EPM-CELP.

A Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC) desenvolveu, naquele âmbito, várias actividades dirigidas aos alunos de todos os ciclos de ensino. O sector do pré-escolar, o primeiro contemplado pela iniciativa, recebeu, na semana anterior, a visita da equipa da BEJC que, em contexto de sala de aula, contou a história do “João e o Feijoeiro Mágico”. Explicitou também, do ponto de vista científico, o tipo de árvores presente na história, tendo os alunos colocado feijões a germinar e realizado actividades de expressão plástica.

A Semana da Leitura propriamente dita iniciou-se com a segunda eliminatória do Concurso de Provérbios e Adivinhas e com o Concurso de Educação Rodoviária, este dinamizado pelos alunos do 7.º E e dirigido às outras turmas do mesmo ano.

No segundo dia, destaque para os alunos do 11.º A1 que, no âmbito da disciplina de Biologia/Geologia, dinamizaram uma palestra sobre o carvão, cujo ponto de partida foi o visionamento do filme “Carvão Vegetal”, realizado nas aulas do 11.º ano da mesma disciplina pela aluna Inês Campos, actualmente no 12.º A1. A película dá a conhecer o processo artesanal de fabrico do carvão em Moçambique. No mesmo dia o aluno Miguel Padrão, do 8.º ano, apresentou, na BEJC, uma comunicação sobre *e-books*, na qual apontou as vantagens e os inconvenientes deste suporte digital.

A meio da Semana da Leitura, as escolas comunitárias Maxaquene “D” e Rainha da Paz visitaram-nos e presentearam os alunos da EPM-CELP com a apresentação dramatizada das histórias “A Cego-



nha e a Tartaruga” e “Rainha da Imbira”, esta última acompanhada pelo grupo cultural da própria escola que, com tambores e danças, entusiasmaram os presentes.

A equipa da BEJC promoveu, ainda, sessões de exploração dos contos “Uma Aventura com Cahora & Bassa”, direccionado para os alunos do primeiro ciclo, e “João e o Feijoeiro Mágico”, para os alunos do quinto ano, bem como do logótipo do Ano Internacional das Florestas 2011. Estas actividades pretenderam, de forma lúdica, sensibilizar os alunos mais novos para a necessidade de defender o meio ambiente das agressões humanas, esti-

mulando a participação activa dos mesmos em campanhas de sensibilização no seio da família e da comunidade escolar.

Durante a Semana da Leitura estiveram expostos na BEJC muitos trabalhos elaborados pelos alunos para o próprio evento ou desenvolvidos no âmbito das disciplinas de Físico-Química, Ciências da Natureza e Biologia/Geologia para assinalar os dias da Árvore e da Água, em resposta à temática lançada pela RBE para festejar a Semana da Leitura.



A cooperação diversifica linguagens

As presenças das escolas comunitárias Maxaquene “D” e Rainha da Paz na Semana da Leitura da EPM-CELP, contribuiu para o sucesso de uma actividade que, evocando a importância da leitura, enalteceu, junto da comunidade escolar, a relação entre o livro e as outras formas de expressão artística.

A vinda das escolas moçambicanas à EPM-CELP integra-se na parceria estabelecida entre os governos de Portugal e de Moçambique e materializada no protocolo de cooperação nos domínios das bibliotecas escolares e da promoção da leitura.

No âmbito do referido protocolo implementou-se o Projecto “Mabuko Ya Hina Ka Maferia” (Os Nossos Livros nas Férias) nas escolas da Zona de Influência Pedagógica II de Maputo, tendo-se realizado múltiplas actividades de expressão oral, escrita, plástica, dramática e musical.

A Escola Comunitária Maxaquene “D” trouxe a história “A Rainha da Imbira”, um conto que nos fala de uma menina que gostava muito de tocar imbira, mas não podia porque vivia numa terra onde só os homens podiam tocar Imbira; a proibição termina quando o Rei adoece gravemente e só o som da Imbira, tocada pela menina, o consegue curar; a partir daquele momento todas as raparigas foram autorizadas a tocar Imbira e começa, naquela terra, uma nova era, a do Libantu Bahle, que significa “O Tempo do Belo Povo”.

A Escola Comunitária Rainha da Paz elegeu a história “A Cegonha e a Tartaruga”, que nos fala de uma cegonha, que se julga muito esperta por ter asas e poder viajar pelo Mundo, e de uma tartaruga que, não tendo asas, também consegue viajar pelos caminhos da leitura.

Estas duas histórias, contadas, recon-tadas, escritas e ilustradas no livro “Mi Karingana Ya Hina” (O Nosso Livro de Histórias), foram dramatizadas, na Semana da Leitura, por alunos e professores das escolas moçambicanas, sob o olhar atento da audiência da EPM-CELP.

Fazendo ecoar, no átrio principal da EPM-CELP, o som dos tambores, as escolas moçambicanas despediram-se com danças tradicionais apresentadas pelo Grupo Cultural da Escola Comunitária Maxaquene “D”. Vozes, movimentos e expressões faciais incomuns, que caracterizavam os elementos do grupo cultural, fascinaram os presentes e transformaram aquela actividade da Semana da Leitura num especial momento de convívio.

ANA ALBASINI
BEJC



COOPERAÇÃO

EPM-CELP alarga rede de bibliotecas

Quando a sua visita a Moçambique, entre 15 e 20 de Abril, a EPM-CELP proporcionou à coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) de Portugal, Teresa Calçada, o contacto com várias escolas do sistema de ensino moçambicano, cujas bibliotecas foram integradas naquela rede.

A Escola Primária Completa (EPC) Polana Caniço "A" que, em Março de 2009, aderiu ao programa RBE, aproveitou a presença de Teresa Calçada para proceder à abertura oficial da sua biblioteca escolar (BE). Em 15 de Abril, inúmeros convidados foram acarinhados, à chegada, com danças e cantares que os acompanharam desde o portão da escola até ao anfiteatro, onde decorreu a cerimónia. Neste espaço, a coordenadora da RBE discursou sobre o papel das BE na promoção da leitura e do conhecimento e sobre a importância do livro enquanto recurso essencial para a redução da pobreza.

A leitura da obra "Rainha da Imbira" e o som dos batuques do Grupo Cultural da Escola Comunitária Maxaquene "D" encerraram a cerimónia protocolar, a que se seguiu a abertura oficial da BE. Teresa Calçada e a directora da EPC Polana Caniço "A" descerraram a placa, reafirmando, assim, as intenções de parceria entre os governos de Portugal e de Moçambique nos domínios das BE.

Dias depois, em 18 de Abril, com a abertura oficial da BE da Escola Profissional São Francisco de Assis, em Mumemo, prosseguiu a festa em homenagem às BE e a todas as aprendizagens que as mesmas proporcionam. No evento, a vice-ministra da Educação de Moçambique, Lêda Hugo, o embaixador de Portugal em Moçambique, Mário Godinho, e a coordenadora da RBE proferiram mensagens educativas em prol do desenvolvimento da leitura nas escolas, no seio das comunidades, no país e no Mundo.

O programa da inauguração contemplou a visita à BE, onde alunos, professores e convidados, em contacto com o acervo, tiveram oportunidade de viajar, ainda que por breves momentos, pelo mundo dos livros e da imaginação.

O Instituto de Formação de Professores (IFP) da Matola e a Escola Primária Completa 12 de Outubro também receberam a visita da coordenadora da RBE, em 19 de Abril. Naquelas escolas, Teresa Calçada dialogou com os respectivos directo-



A directora Esperança e a coordenadora da RBE, Teresa Calçada, descerram a placa da "Polana-Caniço A"

res e visitou as respectivas BE. Na biblioteca do IFP da Matola, a dirigente portuguesa interagiu com os alunos e viu o fundo documental enviado pela RBE, bem como o mobiliário e equipamentos audiovisuais e informáticos.

O contacto com as escolas moçambicanas permitiu fazer o balanço das acções realizadas e discutir as estratégias adequadas para superar as dificuldades, permitindo a Teresa Calçada o conhecimento do trabalho já realizado desde a integração da primeira biblioteca na RBE.

Os esforços da EPM-CELP contribuíram para o cumprimento dos objectivos da visita da coordenadora da RBE, que conheceu directamente a realidade e vivenciou múltiplas situações educativas do contexto das escolas do sistema de ensino de Moçambique.

Hambanine, Dr.^a Teresa Calçada! Hita-vonana! (Adeus, Dr.^a Teresa Calçada! Até breve!)

ANA ALBASINI
BEJC



A vice-ministra da Educação de Moçambique, o embaixador de Portugal em Moçambique, a directora da EPM-CELP e a coordenadora da RBE visitam a biblioteca da Escola Profissional em Mumemo

EPM-CELP é exemplo de parceria lusófona na RBE

TERESA CALÇADA, coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) de Portugal, ao visitar Moçambique, inaugurou a biblioteca da Escola da Polana Caniço “A” e, em entrevista ao “Pátio das Laranjeiras”, aponta novas funções para a biblioteca escolar, entre as quais a de combater a nova escravatura, provocada pelo analfabetismo moderno na área das tecnologias de informação e comunicação. Desafia, assim, a escola a tornar-se local de fonte de formação de leitores competentes, afirmando que a EPM-CELP é exemplo desta prática no âmbito da cooperação portuguesa com os países lusófonos.

ENTREVISTA CONDUZIDA POR FULGÊNCIO SAMO



Participou na inauguração da biblioteca da Escola Primária da Polana Caniço “A”. Que sensações registou?

Primeiro uma impressão afectiva pois gostei de ver a maneira como as entidades moçambicanas acolheram a inauguração da biblioteca. Foi curioso o facto de o secretário do bairro e uma outra pessoa terem manifestado a sua gratidão através da dança. Fomos bem recebidos à entrada, com vários estudantes a interpretarem danças da tradição moçambicana em contexto de escola. Pareceu-me que estava tudo no tom mais acertado possível. O que me satisfaz é que aquela biblioteca da Polana Caniço não é diferente das que inauguro numa escola portuguesa daquele nível de ensino. Ela integra-se no pro-

grama de cooperação cujo princípio filosófico é considerar que o bom para nós é também para os nossos parceiros. Este resultado é esforço de várias pessoas, em particular da Ana Albasini e da Cátia Fernandes, que foram criando o espírito de biblioteca, trabalhando com professores e algumas crianças. A interacção entre as crianças da EPM-CELP e da Polana Caniço testemunha o bom espírito de cooperação, impulsionado pela Escola Portuguesa, que se aproximou, já há vários anos, da escola da Polana Caniço para reforçar os laços de colaboração no âmbito das bibliotecas.

Que impressões lhe suscita Moçambique nos aspectos social e educativo?

É a terceira vez que venho. A primeira foi há cerca de 15 anos, quando findava a guerra civil. Havia muitos vestígios do conflito armado e a presença de muitas crianças vítimas da guerra. Senti uma grande tristeza perante meninos sem família. Dizia-se, na altura, que nos arredores de Maputo havia muitas famílias vítimas da guerra. E para enfrentar estes cenários não tenho grande resistência emocional. Vim de novo há dois ou três anos, quando era ministra da Educação a professora Maria de Lurdes Rodrigues. Na altura nem tinha muita predisposição para vir, mas acabei por achar Maputo uma cidade muito diferente, com aspectos mais estruturados do que aquando da minha primeira

»»»»»



»»»»»

visita. Também fui à Polana Caniço para ver como era o movimento às horas de entrada e saída dos meninos da escola primária. Foi uma experiência muito gratificante que me inspirou para impulsionar o actual projecto de ajuda à montagem de bibliotecas escolares em Moçambique. Não me pronuncio sobre a sociedade porque seria um grande atrevimento, mas constatei uma grande diferença entre a minha primeira visita e os tempos do pós-guerra, que me deram a conhecer uma vida social diferente, com pessoas a frequentarem cafés e restaurantes, a dedicarem atenção a aspectos artísticos e a Universidade Eduardo Mondlane com uma oferta grande na área do ensino superior. Também vi livrarias com uma enorme oferta de livros. Fiquei um pouco triste com a Biblioteca Nacional, porque estava decadente, vandalizada até, como se tivesse havido um saque. Custou-me ver porque achei que já tinha visto melhor nos tempos mais antigos. Penso ser importante haver uma Biblioteca Nacional preservada, na dupla vertente de Moçambique e

“É importante ter uma Biblioteca Nacional preservada na dupla vertente histórica de Moçambique e Portugal, que se cruzam em grande parte da história.”

de Portugal, cujas histórias se cruzam em grande medida. Muitos outros aspectos sociais e culturais parecem estar a entrar, agora, na normalização. Pela nossa parte, para dois anos de cooperação, os trabalhos têm corrido extraordinariamente bem, pois temos cumprido os prazos de realização dos nossos projectos nas escolas moçambicanas intervencionadas.

Como avalia a cooperação entre Moçambique e a RBE.

Nós só avançamos mediante o protocolo de cooperação. Este vai mais longe e obriga a RBE (Rede de Bibliotecas Escolares) a ter relações de colaboração com bibliotecas em países de expressão portuguesa. O primeiro requisito é a existência de uma escola portuguesa através da qual se estabelece o que for acordado entre os dois países. A Escola Portuguesa é, assim, o núcleo duro, sem o qual não atingimos as escolas moçambicanas. Moçambique tem cumprido as suas obrigações com alguma lentidão, mas há um ponto importante que não tem sido devidamente cumprido: não temos um interlocutor específico no Ministério da Educação de Moçambique, que permita agilizar, combinar, fazer o ponto da situação, enviar e receber relatórios. Nunca nos foi indigitado um núcleo que se ocupasse das bibliotecas no sistema de ensino de Moçambique.

Que razões levaram à criação da RBE?

O padrão mínimo é não ser suposto uma escola não ter biblioteca. Em Portugal, por volta de 1986, ainda não tínhamos atingido esse padrão. Os velhos liceus e escolas distritais tinham bibliotecas patrimoniais, bonitas fisicamente, mas tudo fora de moda. Os livros eram muito velhos, estava tudo fechado à chave e, portanto, não eram instrumentos para fazer leitores. Em certo momento soube-se, até pelo movimento internacional em redor do tema, que uma escola diminuía a capacidade de produção de conhecimento se não tivesse biblioteca. Aliás, se se quiser ver como funciona o sistema de ensino de um país basta verificar como funcionam

as bibliotecas. Por volta de 1996, o então ministro da Educação de Portugal nomeou um grupo de trabalho para construir um programa de desenvolvimento de bibliotecas escolares em todos os graus de ensino e é isso que temos vindo a fazer ao longo de uma década e meia, com os mesmos princípios em todos níveis de ensino. Não inventámos grandes coisas, copiamos dos países da Europa, onde as redes de bibliotecas eram, então, mais comuns. Mas, na maioria dos países, não havia bibliotecas nas escolas do 1.º Ciclo. Não fazia parte das obrigações, objectivas e subjectivas, dos professores, a promoção da leitura. Foi a partir da consciencialização de que a leitura é o suporte de todos os saberes, que nasceu, nas escolas do 1.º Ciclo, um programa sustentado de desenvolvimento das capacidades leitoras. É nesta sequência que surgem bibliotecas como a da Polana Caniço “A”, para fornecer *inputs* nas capacidades dos leitores, constituindo um aparelho que sustenta aquilo a que chamamos uma rede.

Hoje não chega ler, escrever e contar, é preciso ler multimédia, ler em ambientes online.

Qual o impacto da RBE na promoção da lusofonia?

O problema é comum a Portugal, a Moçambique e a Timor, para falar dos três países onde há colaboração na área das bibliotecas escolares. O ponto é formar leitores competentes. É para isso que serve a biblioteca, para aumentar a capacidade proactiva da escola na promoção da leitura em vários suportes e melhorar essas competências nos alunos. Hoje não chega ler, escrever e contar, é preciso ler multimédia, ler em ambientes *online*. Portanto, na economia da informação e do conhecimento do século XXI, se não contribuirmos para leitores competentes e autónomos, capazes de construir o seu percurso como cidadãos habilitados, limitamos a função da escola, diminuímos as aprendizagens, a cidadania e, em última instância, não é fonte de desenvolvimento, que é para isso que serve a escola. E se isto é verdadeiro para Portugal, também o é para Moçambique ou para Timor, e é verdadeiro para países, ditos mais desenvolvidos, do norte da Europa. Para tal é necessário possuir um conjunto de

»»»»»

»»»»»

recursos materiais e humanos para formar típicos leitores do século XXI, contrariando, assim, aquilo a que se poderá chamar a nova escravatura.

Qual o papel da EPM-CELP na RBE?

A EPM-CELP tem uma biblioteca que se enquadra na filosofia e nos princípios da organização da RBE: tem livros de livre acesso, materiais multimédia, diferentes áreas e professores responsáveis, entre outros requisitos. Portanto, por maioria de razão e direito natural, a EPM-CELP é membro da RBE. Nesta qualidade, a EPM-CELP tem sido o *pivot* do protocolo com Moçambique. O cartaz do programa "Ler para aprender" foi feito a pensar nos diferentes países de expressão portuguesa. Com a EPM-CELP estabelecemos um acordo de cooperação no qual está claro que o agente no terreno, o dito *pivot*, é a escola portuguesa. A primeira diligência foi aceitar que um professor, neste caso a Ana Albasini, seria destacado especificamente para o apoio às bibliotecas, que inclui as moçambicanas com quem se estabelecem parcerias.

Como vê a EPM-CELP no quadro das escolas portuguesas no estrangeiro?

Eu não conheço senão esta. Não fui a Timor, embora colegas meus tenham ido e me falem de uma boa colaboração com a escola portuguesa naquele país. A situação em Angola não está bem resolvida, há alguns problemas legais que não conferem nível institucional à escola portuguesa, contrariamente à EPM-CELP. Em Cabo Verde e na Guiné-Bissau não existem escolas portuguesas, mas apenas

A leitura é o suporte de todos os saberes.

algumas organizações que operam no terreno, mas não como em Moçambique. Portanto, no quadro da CPLP a verdadeira escola portuguesa é a EPM-CELP. A de Timor é também qualificada, mas está integrada numa sociedade que ainda tem alguns problemas que, felizmente, a de Moçambique já resolveu. Em Macau a escola portuguesa funciona bem, tem biblioteca e estudamos com ela, neste momento, uma forma de protocolo, mas, por razões várias, as relações com Macau são diferentes e ainda não houve um relacionamento que permitisse a sua assinatura. Portanto, verdadeiramente o exemplo é a EPM-CELP.

Sabemos da sua experiência privada de criação de uma biblioteca na região do Ribatejo. Quer partilhar connosco?

É um aspecto privado que tem sido muito útil, pelo menos para mim. É numa casa fora de Lisboa, na zona do Ribatejo, numa vila que me proporciona um certo bem-estar e onde, realmente, temos uma enorme biblioteca privada. Pensei que podia, com o meu *know how* e o dos meus amigos também, com o facto de possuir muitos livros na minha casa e, ainda, com a possibilidade de haver dádivas, construir uma biblioteca parecida com aquelas que eu fazia para o Ministério da Educação,



mas, desta vez, sem o dinheiro do Estado e só com boas vontades. Foi isso que fiz. Primeiro a biblioteca nasceu numa casinha da aldeia que me foi emprestada. Depois, dentro do recreio, restaurámos a antiga cantina e montámos uma biblioteca, como a da Polana Caniço. Temos não só uma biblioteca para crianças, mas também outra para adultos, para a comunidade. É, simultaneamente, uma biblioteca escolar e uma biblioteca para a comunidade, onde é possível efectuar empréstimos de livros, contando com o contributo de todas as pessoas. É um exercício de voluntariado. A experiência ensina-me muito para a minha vida profissional, porque lá vejo muitas bondades e maldades, as mais-valias das bibliotecas, percebo as tendências e equaciono expectativas. É uma espécie de laboratório experimental.

PERFIL

Teresa Calçada

Coordenadora da RBE

Habilitações académicas

Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Lisboa. Professora de Filosofia, "com muito gosto".

Percurso profissional

Coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares do Ministério da Educação. Comissária-adjunta do Plano Nacional de Leitura. Técnica do Instituto Português do Livro desde 1982. Vice-presidente da Biblioteca Nacional e do Livro até 1996

Lema

"Ser instruído e letrado, condição da liberdade"



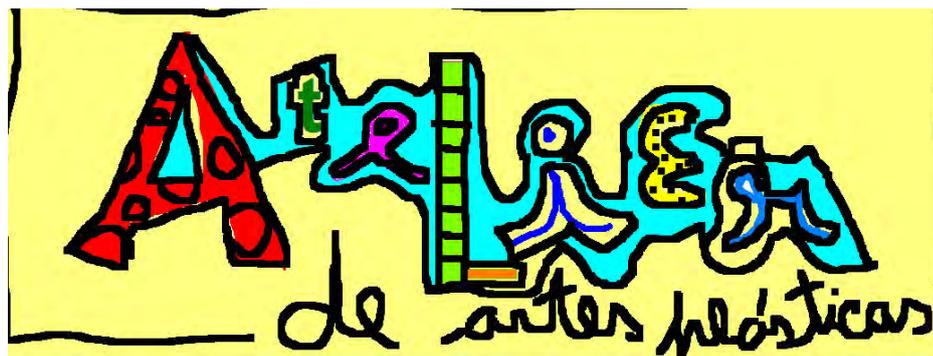
Interesses

Desde cedo me interessei pelas bibliotecas. Logo no liceu, onde dei aulas pela primeira vez, tentei organizar e actualizar a biblioteca, convicta da sua importância para a formação de alunos mais competentes. E não parei de o fazer no Ministério da Cultura, onde trabalhei nas bibliotecas públicas, no Ministério da Educação, onde trabalho nas bibliotecas escolares e, ainda, como voluntária numa biblioteca pequena de comunidade.

Olhos que interrogam e reinventam as artes



Foi no terreno que encontrámos as respostas singulares, instintivas e autênticas às inquietações sobre o valor e papel da arte na Educação, desafio de reflexão lançado na última edição do “Pátio das Laranjeiras”. São olhares de alunos que, no seu quotidiano escolar, descobrem a vida e a si próprios através de ensaios artísticos.



Isabel Barbosa
(5.º A)

Arte é importante para a minha educação porque, por exemplo, quando estamos a pintar algo aprendemos a textura e a suavidade. A arte não é só telas e esculturas, é também as árvores, o verde das folhas, o rosa das flores... A nossa educação é como se fosse uma árvore, começa por ser pequena, nascem os ramos e começa a nossa aprendizagem. Aparecem as folhas, as flores e os frutos. A árvore fica completa. A aprendizagem não acaba, aprendemos sempre algo, como na árvore que se desenvolve.



Gerson Zacarias
(5.º C)

Eu acho que arte é importante porque não é só pintar e fazer desenhos, a arte também é trabalhar, divertir e conversar. A arte é tudo o que vocês imaginam, por isso as pessoas dizem que eu tenho arte. Há outras pessoas que perguntam: Mas que arte? E a outra pessoa responde: A arte de trabalhar? A arte também é importante porque faz desenvolver a Matemática em nós, como em mim, por exemplo, que quero ser gestor financeiro quando for grande.



Susana Hencleeday
(10.º A2)

Eu diria que a arte não é algo que se aprende só com base em explicações. A arte é algo que está presente nos nossos olhos, no objecto belo que fixamos, na sua interpretação. É a beleza ou fealdade, exuberante, concreta ou abstracta que nos toca no inconsciente, que nos leva a olhar e reflectir sobre o seguinte: qual será o sentido da estética? Onde se encontra a beleza de cada coisa? O sentido estético parte dos nossos olhos que interpretam a mensagem ou da nossa sensibilidade?



TIMOR-LESTE

O embondeiro da língua portuguesa

Em Agosto de 2010 soube da existência de concursos de professores para trabalhar em Timor-Leste que me pareceu ser mesmo o que andava à procura. Após 10 anos de estadia em Portugal, na sequência do regresso da Escola Portuguesa de Maputo onde leccionei durante 11 anos, era mesmo o que precisava.

Gosto de novos desafios e de me sentir útil. Tinha chegado o momento de concretizar o sonho de trabalhar em Timor.

O ensino da língua portuguesa é um dos grandes objectivos do Governo de Timor-Leste. Assim, ao abrigo do projecto de cooperação entre os governos português e timorense surgiram quatro escolas de referência em Timor nos principais distritos, Baucau, Maliana, Oecussi e Same. São escolas timorenses de currículo português, apoiadas pedagogicamente pela Escola Portuguesa de Díli.

Ainda longe de Timor-Leste, já muitas ideias tinha rabiscado ao jeito de esboços que nos haviam sido dados. Já em Timor-Leste, mas ainda longe de Maliana, mais esboços foram conseguidos após diálogos com aqueles que nos recebiam com pressas e correrias, pois tudo era para ontem... Antes nada disto tivesse ocorrido, antes nos tivessem dado uma caixa, não com uma ovelha, que nem o “Príncipe-



nho”, mas com a “Nossa Escola”! Teria sido, assim, criada ao jeito da imaginação de cada um, onde pelo menos, naquele momento, se poderia sonhar!

Mas não aconteceu... a realidade era nua e crua e tudo esperava por nós! Contudo, como também nós esperávamos por tudo, o cenário acabou por se compor. Eram muitas as perguntas e poucas as respostas, tal como em o “Príncipezinho”: *Foi uma palavra aqui, uma frase ali, que, a pouco e pouco, me (nos) revelaram tudo.*

E foi com um passo aqui, outro para ali e vários para acolá que conseguimos

chegar ao lado de cá! Mas nem imaginam como a caminhada foi grande... tudo foi criado de raiz, que nem a raiz de um embondeiro, hoje ainda pequeno, mas que crescerá. Foi por estes embondeiros pequeninos que nos deixámos cativar, pois nesse novo “planeta” respiramos um ar e alimentamo-nos de essências diferentes e assim nos vamos conhecendo, pois “*Só conhecemos o que cativamos*”, diz o “Príncipezinho”!

Hoje a Escola de Referência de Maliana tem 150 alunos no Pré-Escolar e nos primeiro e segundo anos de escolaridade. Quero vê-la, um dia, igual ou maior do que a Escola Portuguesa de Moçambique e, com orgulho, sentir que contribuí para que estas crianças, a dizer as primeiras palavras em português, amanhã estejam nos bancos do parlamento de Timor-Leste a fazer, com fluência, as suas intervenções na língua que lhes dá também a sua identidade neste lado do Mundo.

A todos os leitores do “Pátio das Laranjeiras” o meu obrigado. Prometo continuar a informar-vos das nossas conquistas.

ANA PAULA MACHADO

Educadora de Infância em Timor-Leste
25/Março/2011

LÍNGUA PORTUGUESA

Acordo exige cedências mútuas

Acordo ou desacordo? É irónico um acordo gerar tanta polémica e discórdia. Parece que ninguém se entende, cada um com a sensação que “o outro” foi privilegiado na escolha da nova grafia e todos temendo errar quando chegar a hora de escrever... e de ensinar “à nova maneira” do Acordo Ortográfico de 1990.

A pretensão inicial do actual projecto de reforma da língua era apenas a louvável unificação das ortografias dos países lusófonos. Digo louvável e não me parece uma ameaça à identidade da língua, como, no início, muitos temeram. A língua não é estática, é versátil e dinâmica e reflecte a cultura dos seus falantes. Haverá sempre na língua marcas da identidade do povo que a fala. Se viajarmos em Portugal, um país tão pequeno mas tão rico culturalmente, deparamo-nos com formas diferentes de falar português, desde a pronúncia ao léxico. É essa a grande riqueza de uma língua. O que não faria sentido é que uma palavra escrita de determinada forma fosse considerada correcta no Minho e errada no Ribatejo.

Tem vindo a aumentar o número de novos falantes do português, cujo primeiro contacto com a língua é feito com a variante brasileira.

Uma grafia unificada facilita o estudo dos novos falantes e evita constrangimentos com a própria língua aos nossos estudantes que vão para o Brasil e vice-versa.

De qualquer forma, um acordo ortográfico para ser exequível tem de ser equilibrado e ter cedências mútuas. Por exemplo, deixamos de usar consoantes mudas (é verdade que não gostamos, ainda é uma “violência” visual), mas o Brasil elimina o trema, ainda usado em várias palavras como aguentar e frequente. Alguns indivíduos insurgem-se contra as grafias duplas previstas no acordo como sector e setor, mas sempre tivemos destes casos como rotura e ruptura.

Enquanto estivermos numa fase de transição é natural que surjam dúvidas e confusões. Acredito que a partir do momento em que todos escrevermos conforme as regras do novo Acordo, a habituação será natural. E não falta muito para pormos em prática a nova grafia: em 1 de Setembro todos estaremos a ler, escrever e trabalhar respeitando o Acordo Ortográfico. Com estudo constante, treino e espírito de equipa para juntos esclarecermos dúvidas e vencermos dificuldades, estaremos aptos para impor a norma, porque é esse o nosso papel.

A título de exemplo, submeti este texto de 408 palavras ao convector do Acordo Ortográfico e apenas sete foram alteradas. Consegue descobrir quais foram?

MARGARIDA CRUZ
Departamento de Línguas

ESPAÇO FÍSICO



A influência nas aprendizagens escolares

É da antologia da psicologia considerar que o meio social e físico influencia o comportamento humano. Por isso é muito importante uma escola cuidar criteriosamente do seu espaço físico para favorecer as aprendizagens dos alunos e a tarefa de ensino dos professores. O espaço físico passa a ser, assim, um forte aliado na prossecução do sucesso escolar e no cumprimento da missão educativa de uma escola. Conhecer o espaço físico da EPM-CELP é, pois, imperativo para os que com ele diariamente interagem.

O espaço escolar da EPM-CELP é motivo de orgulho e prazer para a esmagadora maioria dos seus alunos e profissionais. Ele constitui-se como uma sucessão cuidada de espaços exteriores e interiores, a circulação é fluida, a dimensão das salas e a sua iluminação natural são, na maioria dos casos, adequadas e as cores contrastam harmoniosamente.

Alunos, professores, funcionários e encarregados de educação da EPM-CELP referem o bem-estar e as boas condições para a prática pedagógica, usufruindo de espaços multifuncionais, que também oferecem uma utilização variada e alargada à comunidade educativa.

Existem, contudo, problemas decorrentes quer das soluções arquitectónicas adoptadas, quer da pressão dos utilizadores sobre o espaço físico. Destacando os mais importantes, diga-se, em primeiro lugar, que a ventilação não é eficaz, pela insuficiente circulação de ar, tornando as salas quentes no Verão. Foram, por isso, instalados aparelhos de ar condicionado nas salas de aulas, o que implica custos avultados de manutenção e de adequa-

ção da instalação eléctrica. Prevê-se que, no corrente ano, mais 11 salas sejam beneficiadas, o que implicará a climatização de 95 por cento dos espaços. O pavilhão gimnodesportivo deverá ser alvo de uma intervenção para melhorar a ventilação natural, proporcionando condições ambientais adequadas à prática desportiva.

A oeste, o espaço exterior é pouco arborizado. Uma intervenção paisagística para projectar zonas de sombras melhorará a qualidade ambiental, reduzindo a temperatura através da humidificação do ar. Por reflexo, o espaço interior será positivamente influenciado com a redução da insolação directa. Conhecidos são os efeitos da vegetação e da qualidade do espaço envolvente no sucesso escolar.

O refeitório é exíguo e desadequado, estando longe de satisfazer as necessidades da comunidade educativa. Está reservada uma área no talhão, a norte, entre as piscinas e o pavilhão gimnodesportivo, para a construção do novo refeitório. Estão já em curso iniciativas para a elaboração do projecto.

As reduzidas dimensões de 10 das 66

salas de aula não permitem a sua utilização por turmas numerosas, o que tem criado dificuldades na gestão dos horários e dos espaços disponíveis.

Do ponto de vista energético é importante recorrer a soluções técnicas amigas do ambiente, com custos de manutenção mais baixos, para tornar as construções mais eficientes e, progressivamente, auto-sustentáveis. A título de exemplo mencione-se a instalação de sistemas alimentados por energia solar, o aproveitamento das águas das chuvas e a reciclagem do lixo.

A drenagem das águas fluviais nem sempre tem sido eficiente, obrigando ao recurso a meios adicionais de bombeamento. Deverão ser estudadas novas soluções integradas.

A arquitectura escolar visa encontrar soluções que, no seu todo, se revelem elemento difusor de um ambiente propício para as aprendizagens escolares. O investimento que esta implica requer que a leitura e a utilização dos espaços físicos sejam facilmente assimiladas por todos os membros da comunidade escolar.

IMPLANTAÇÃO FÍSICA DA EPM-CELP

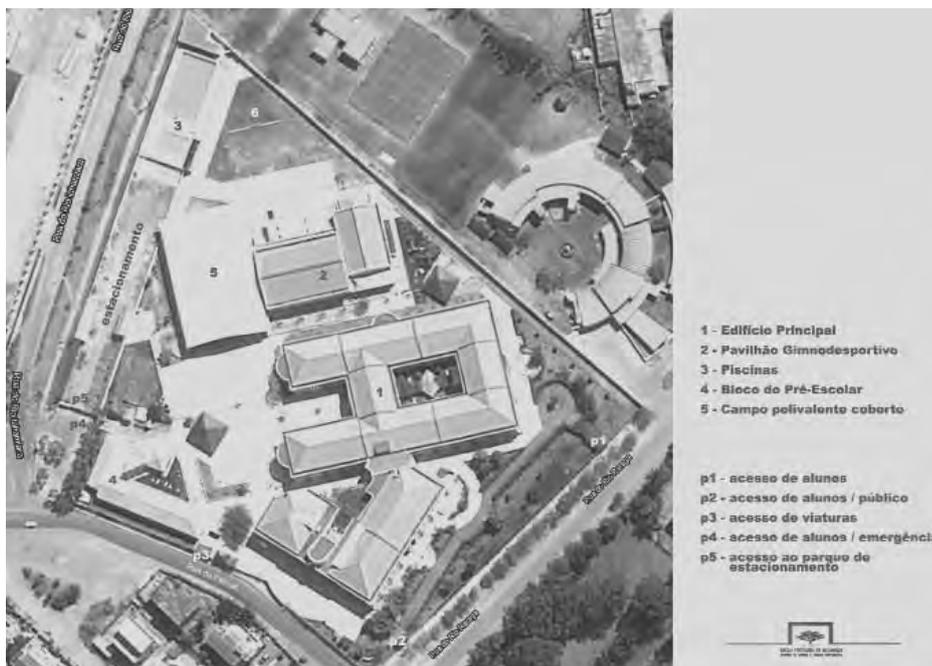
A EPM-CELP está localizada a Nordeste da Cidade de Maputo, no Bairro Polana Cimento A, no distrito urbano Kamaxakeni, e implantada num terreno de cerca de 30.000 m².

A área escolar confina uma zona de serviços educacionais, que inclui duas escolas vizinhas, e integra-se num dos eixos de expansão urbana. Áreas de habitação formal e informal envolvem o perímetro escolar.

O edifício principal foi construído entre 1996 e 1999. Posteriormente, foram construídos o pavilhão gimnodesportivo (2004-2008), as piscinas (2004), o bloco do Pré-Escolar (2009) e foi coberto e repavimentado o campo polivalente (2010).

O *campus* escolar é composto pelas construções acima mencionadas, ladeadas por diversos pátios e uma área ajardinada a Este. No pátio exterior, maioritariamente pavimentado com calçada portuguesa, encontram-se dois *parrôts* e um alpendre, destinados ao recreio dos alunos, para além de dois parques infantis. A zona do Pré-Escolar está vedada para garantir individualidade e segurança à área adjacente ao edifício, que serve de logradouro e de recreio.

O acesso de 1500 alunos e 200 professores e funcionários ao espaço escolar faz-se através de três portões, um dos quais de emergência, e o dos veículos através de outros dois. O parque de estacionamento localiza-se a Noroeste.



OS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS

A concepção arquitectónica e paisagística do espaço escolar da EPM-CELP obedeceu aos princípios gerais definidos para a escola moderna do fim do século XX, que responde aos novos desafios e paradigmas educativos e ambientais, oferecendo espaços atractivos, multifuncionais, seguros, acessíveis e inclusivos, traduzidos em construções duradouras.

O edifício principal foi erguido na metade Sudeste do talhão e é constituído por uma unidade para os serviços técnico-administrativos e outra para actividades lectivas, esta comportando 58 salas de aulas, vários laboratórios e salas para expressão artística.

O pavilhão gimnodesportivo foi implantado a norte e é constituído por um ginásio e um campo de jogos, um campo polivalente, uma galeria para o público, balneários, vestiários, gabinetes e um arrumo, enquanto as piscinas infantil e semi-olímpica foram construídas no extremo Norte.

O bloco da Educação Pré-Escolar está situado no extremo Sudoeste e é constituído por oito salas, dois blocos sanitários, uma sala de professores e um espaço técnico.

Mais recentemente, o campo polivalente beneficiou da construção de uma laje de pavimento e de cobertura ventilada.

A área construída ocupa, aproximadamente, 12 000 m², equivalente a cerca de metade da área de implantação da EPM-CELP.



A MANUTENÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO

Foi, recentemente, desenhado um plano de manutenção preventiva do espaço físico da EPM-CELP, que tem vindo a ser gradualmente implementado. O principal objectivo é o de prever e evitar danos e irregularidades nas construções e no espaço envolvente. É a manutenção correctiva, porém, que constitui o grosso das actividades de manutenção.

O sistema de comunicação das irregularidades passa pela acção dos funcionários e docentes, que é completada pelos directores e responsáveis pelas instalações específicas (laboratórios, salas especiais, espaços desportivos, nomeadamente). A conservação e manutenção do espaço físico da EPM-CELP, pela sua extensão, complexidade e especificidade, é dispendiosa, consumindo fatia importante das despesas correntes.

Neste âmbito, os principais problemas residem na falta de recursos humanos qualificados e de recursos materiais de conservação e construção adequados. A maioria dos materiais e elementos construtivos, até à data utilizados, foram importados de Portugal, obrigando a adaptações. O complexo arquitectónico da EPM-CELP já conta com 11 anos de vida, pelo que começam a verificar-se os primeiros problemas associados à sua própria idade. Impõe-se, por conseguinte, iniciar o processo de inspecções à rede eléctrica e à estrutura e renovação de alguns sistemas.

palavra empurra palavra

EDIÇÃO Teresa Noronha

...porque há sempre lugar para mais uma palavra!

LITERATURA

Redescobrir Eduardo Sá nas próprias obras do autor

Um dia entrei numa livraria e deparei-me com um título surpreendente. Era **A vida não se aprende nos livros** de Eduardo Sá, psicólogo clínico, psicanalista e professor de psicologia clínica na Universidade de Coimbra e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa, em Portugal.

Nunca mais perdi de vista este autor. Depois desta obra, muitas outras consumi, das quais destaco **Más maneiras de sermos bons pais; Chega-te a mim e deixa-te estar; Manual de instruções para uma família feliz; Psicologia dos pais e do brincar; Tudo o que o amor não é e Crianças para sempre**.

Sempre gostei de aprender para além dos livros e, como tal, procurei assistir às suas intervenções nos meios de comunicação social e nalgumas palestras, onde as suas magníficas explanações me cativaram e serviram de inspiração. Pode, por isso, imaginar-se o enorme entusiasmo com que recebi a informação da sua vinda à EPM-CELP.

Foram momentos marcantes, onde tivemos oportunidade de beber um pouco da sua saudável ironia, sempre pautada por uma enorme sabedoria. Com uma forma envolvente e fluente de comunicar, demonstra uma linguagem e ritmo próprios, uma ternura, expressividade e tranquilidade invulgares. Consegue chegar a todas as faixas etárias e compreender e avaliar, com precisão, as situações delicadas que se lhe apresentam. Toda esta aparente facilidade com que lhe fluem as palavras contrasta com a enorme complexidade traduzida naquilo que vai comunicando.

Além de inspirador ser humano é, também, uma referência a nível profissional pois Eduardo Sá não nos deixa esquecer que *são precisos muitos professores para que as crianças se apaixonem pela escola e somente alguns para que se perca toda a paixão*. Devemos educar e não ensinar, educar com muito “colo”, com autoridade, proporcionando o máximo de autonomia possível. Tudo isto estará facilitado se as regras forem bem definidas e aplicadas, fundamentadas na sabedoria, na bondade e no sentido de justiça.

O autor considera o brincar *um bem de primeira necessidade*, pois faz crescer a criança; as histórias devem estar presentes o mais possível pois funcionam, desde a mais tenra idade, como uma abertura para a língua materna; o desenvolvimento das expressões motora, musical e plástica é crucial. A estimulação da criança, a utilização de técnicas geradoras de motivação comunicadas de forma assertiva tornarão a escola um espaço mais leve, alegre, gerador do desenvolvimento e crescimento harmonioso das crianças.

Por tudo isto, é fácil perceber o fascínio que o seu discurso provoca nas plateias que o escutam. As suas palavras são motivo de reflexão, motivação e inquietação. Nesta linha de pensamento, é importante ter presente que *os bons professores não são aqueles que nos tiram as dúvidas, mas aqueles que nos provocam o aparecimento de muitas mais*, diz Eduardo Sá.

Aguardo semelhante oportunidade para crescer e avançar nesta maratona que é a vida...

FÁTIMA MARTINS
Educadora do Pré-Escolar



A vida não se aprende nos livros

de Eduardo Sá

Oficina do Livro

Nunca devemos esquecer de aprender para além dos livros!

Ler é importante, mais ainda é viver, sentir, pensar e agir. Pensar não só com a razão, mas fazendo apelo às emoções e ouvindo o coração.

As aprendizagens do indivíduo não se resumem ao espaço entre quatro paredes de uma escola, baseadas naquilo que os livros nos podem oferecer. As nossas vivências e experiências são o motor para o nosso crescimento.

De resto, o próprio autor afirma que *“um livro permanece por escrever depois de escrito”*.



Más maneiras de sermos bons pais

de Eduardo Sá

Oficina do Livro

Não pode ser visto como um livro de receitas que nos ensina como ser pais, mas sim que nos relembra que não é fácil ser pai ou mãe. Um livro que atenua a ansiedade e nos faz parar um pouco para reflectir quando queremos fazer dos nossos filhos seres perfeitos.

É um daqueles livros que nos relembra que *os pais perfeitos são inimigos dos bons pais* e que os bons pais são aqueles que erram, têm a coragem de ser como são e estão sempre por perto para ouvir as crianças, formando adultos mais completos.



Chega-te a mim e deixa-te estar

de Eduardo Sá

Oficina do Livro

Colecção de crónicas que apelam à exteriorização dos sentimentos. A vida não tem de ser um mar de insucessos, mas, para que isso não aconteça, necessitamos de âncoras fortes para navegar na nossa vida. Pode acontecer, porém, que essas âncoras não nos conheçam verdadeiramente, magoando ou causando algumas decepções. Não devemos, no entanto, deixar de dizer, a quem nos magoa, tudo o que sentimos, pois o silêncio atordoa e mata lentamente. Por vezes, perde-se tempo com conversas supérfluas e raramente falamos dos sonhos e convicções. Deste modo, os gestos e os silêncios ganham nova dimensão quando nos dizem *“chega-te a mim... e deixa-te estar”*.



LEITURA

Ajudar a criança a tornar o livro insubstituível



Quando me pediram para escrever sobre a importância das bibliotecas e do contacto das crianças com os livros, a primeira frase que me veio à mente foi a que ouvi, há muitos anos, de um contador de histórias. Disse ele aos pais e encarregados de educação, a terminar a sua palestra integrada numa acção de formação, que se chegassem a casa e os seus filhos tivessem mais brinquedos do que livros alguma coisa estaria mal. Desde então passei a dar um valor muito grande aos livros e às histórias.

Aprendi, nas viagens, a fazer passeios a grandes bibliotecas com os meus filhos e vi neles o despertar para a leitura e para as descobertas dos livros.

Nada melhor do que tirarmos uns minutos, nas nossas vidas atarefadas, para contarmos um história, ao fim do dia, aos nossos filhos. Conseguimos, assim, criar momentos únicos com eles, nos quais contar e ouvir histórias ajuda a aconchegar quem amamos e a partilhar uma experiência na descoberta dos mundos das histórias e dos livros.

É importante contar histórias, mesmo a crianças que já sabem ler. Quando ouvem uma história, aprimoram a imaginação, pois é uma actividade que pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar e o recriar. Num mundo tecnológico, no qual, cada vez mais, tudo vem já pronto e acabado, o contacto com os livros ajuda a criança a reconhecer e interpretar as suas experiências da vida real e a tornar-se num indivíduo mais criativo na compreensão da sua própria realidade.

A imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista, e, portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa, desde os primeiros anos de vida da criança, contribui para o

PERFIS DE LEITOR

PRÉ LEITOR (15 MESES AOS 3 ANOS)

Na primeira infância a criança conhece o mundo através dos sentidos, especialmente do tacto, da visão e do olfacto. Ela precisa de cheirar, ver cores, tocar e folhear. A partir da 2/3 anos, a criança aumenta a sua capacidade e interesse pela comunicação verbal. O brincar com o livro torna-se muito importante. Os livros devem apresentar um contexto familiar, com imagens. Não deve apresentar texto escrito, já que através das imagens ela nomeia as coisas e estabelece uma relação entre a realidade e o mundo dos livros. A técnica de repetição é importantes para ajudar a compreender, a manter a atenção e o interesse.

LEITOR INICIANTE (6/7 ANOS)

A criança começa a descodificar os símbolos gráficos, mas como ainda esta a iniciar, o papel do adulto como "agente estimulador" é fundamental. Os livros devem ter linguagem simples, com início, meio e fim. As personagens devem ser humanas, bichos, objectos, mostrando sempre comportamentos como o bom, o mau, o forte, o fraco, o feio e o bonito. Devem estimular a imaginação e a inteligência, a afectividade as emoções, o pensar, o querer e o sentir.

LEITOR EM PROCESSO (8/9 ANOS)

A criança já domina o mecanismo da leitura e tem atracção por textos com humor. Os livros devem apresentar imagens e textos, estes escritos em frases simples, de comunicação directa e objectiva. As bandas desenhadas podem ser uma forma divertida de treinar a leitura.

LEITOR FLUENTE (10/11 ANOS)

O pré-adolescente está na fase de consolidação dos mecanismos de leitura, desenvolvendo o pensamento hipotético-dedutivo e a capacidade de abstracção. As histórias devem apresentar valores políticos e éticos, heróis ou heroínas que lutam por ideais.

LEITOR CRÍTICO (12/13 ANOS)

Total domínio da leitura e da escrita. Os interesses são idênticos aos da fase anterior, porém, é necessário que ele se aproprie dos conceitos básicos da teoria literária.

desenvolvimento do seu pensamento lógico e, também, da sua imaginação.

É importante que a criança toque nos livros, tenha contacto com eles, os folheie e veja os seus pais a lerem. O amor pelos livros não desperta repentinamente, é necessário ajudar a criança a descobri-lo. Pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta. Devem ser estimuladores e incentivadores da leitura.

Durante o seu desenvolvimento, a criança passa por diferentes estádios psicológicos, que precisam de ser observados e respeitados no momento da escolha de livros.

As crianças que ouvem histórias desde cedo, que têm contacto directo com os livros e que sejam estimuladas terão mais facilidade vocabular e mais disponibilidade para a leitura. A capacidade de ler está intimamente ligada à motivação. Os pais e professores devem oferecer pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade.

Frequentar livrarias, feiras de livros e bibliotecas são excelentes sugestões para tornar permanente o hábito de leitura. Muitos pensam que o livro é coisa do passado e que, com a Internet, já não tem muito sentido. Mas quem conhece o prazer de tocar nas páginas de um livro e encontrar nelas um mundo de imaginação e encanto, sabe o benefício que uma simples história pode proporcionar, tornando o livro insubstituível.

Leiam livros, ofereçam livros, incentivem as crianças a sonhar através de histórias. A conhecer mundos diferentes, culturas e a fazer novos amigos.

JANAÍNA MELO

Psicóloga do Serviço de Psicologia e Orientação da EPM-CELP



Gritar o som dos novos sonhos

O já tradicional baile de finalistas da EPM-CELP antecipou, em 9 de Abril, a despedida de muitas dezenas de alunos que, proximamente, vão deixar a nossa Escola para prosseguir novas vidas em locais distintos. É mais uma geração de jovens que termina o percurso na EPM-CELP, onde muitos deles passaram 12 anos, mais de metade dos que possuem de vida.

É sempre uma noite mágica e de deslumbramento, de reconhecimento e orgulho, mas também já de alguma saudade que antecipa a chegada perante a perspectiva da partida. Novos mundos e sonhos se desenhavam no horizonte para quase uma centena de jovens, cujas bases de formação e educação foram erigidas e forjadas na EPM-CELP. Mas foi, sobretudo, uma noite de reconhecimento, agradecimento, fraternidade e amizade, com uma ponta de vaidade sempre à espreita, numa mistura de emoções partilhada por alunos, professores e pais.

